

---

**APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA  
À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Leandro Carmo Souza  
Silvana Calvo Tuleski

A apropriação da linguagem escrita constitui-se como elemento fundamental aos homens desse período histórico, pois garante aos membros dessa sociedade um meio primordial de acesso às complexas mediações que compõem essa realidade. Todavia, os dados relacionados ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (MEC, 2007) e ao Programa Internacional de Avaliação de Alunos (OCDE, 2011), no concernente ao domínio da leitura, revelam que esse processo de apropriação na escola brasileira – configurada, ao longo da história, como instituição privilegiada para o ensino de ricas produções da humanidade, dentre essas a linguagem escrita – não é satisfatoriamente alcançando por boa parte de seus alunos. Diante desse cenário contraditório, realizou-se uma pesquisa com o propósito de compreender os processos relacionados ao domínio desta forma de linguagem. O objetivo, portanto, é apresentar as considerações dessa investigação bibliográfica, realizada a partir das publicações dos principais autores da Psicologia Histórico-Cultural: Vygotski (1896-1934), Luria (1902-1977) e Leontiev (1903-1979).

Esses autores, comprometidos com as necessidades históricas de uma sociedade comunista em construção, edificaram, a partir da adoção do materialismo histórico-dialético, uma *nova* Psicologia. Nas bases dessa nova ciência, localiza-se a centralidade da atividade vital humana e a compreensão de que a realidade é composta por múltiplas relações, que não estão contidas somente em sua aparência. Com base nestes fundamentos metodológicos desenvolvidos por Karl Marx (1818-1883), o presente estudo estrutura-se a partir da busca pela apreensão da relação dialética entre o desenvolvimento da linguagem e as alterações no psiquismo humano, ao longo da filogênese e ontogênese.

O nascimento e aprimoramento da linguagem são elementos constitutivos do desenvolvimento filogenético. Desenvolvimento correspondente à evolução biológica da espécie humana e à construção histórico-cultural do gênero humano. Na filogênese, portanto, localiza-se a origem do homem enquanto ser histórico, ser que, por meio da criação e do uso

dos instrumentos para a satisfação de suas necessidades, superou sua forma passiva de adaptação à natureza.

Essa peculiar forma de intercâmbio, que transforma a natureza e o próprio homem, de acordo com Leontiev (2004, p. 80), “se efetua em condições de atividade comum coletiva, de modo que o homem, no seio deste processo, não entra apenas numa relação determinada com a natureza, mas com outros homens, membros de uma dada sociedade”. Este caráter coletivo do trabalho gera no homem a “necessidade de intercâmbio com os outros homens” (Marx, 2008, p. 56). Esta condição, portanto, é a mola propulsora para o desenvolvimento de outra forma de linguagem, não mais instintiva, mas simbólica.

Luria (1979a), em consonância com o pensamento marxiano, afirma que o surgimento da linguagem humana não deve ser tratado como manifestação do campo espiritual ou como simples resultado da evolução biológica, deve, sim, ser entendido como produto das relações sociais de trabalho. O referido autor explica que a forma conjunta de atividade prática faz surgir no homem a necessidade de transmitir de modo intencional aos outros certas informações. É nesse contexto que nasce a linguagem simbólica. Nas palavras do autor: “pode-se supor que a palavra, nascida do trabalho e da comunicação por este gerada, nas primeiras etapas da história encontrava-se estreitamente enlaçada com a prática; isolada desta não teria ainda uma verdadeira existência independente” (Luria, 1986, p. 28).

À medida que o homem foi complexificando sua forma de intercâmbio com a natureza, também foi transformando sua linguagem em um processo de crescente abstração e generalização. Neste processo, a linguagem foi adquirindo novos elementos mediadores, deixando seu aspecto simprático e assumindo um caráter sinsemântico (Luria, 1986). Ao longo da filogênese, portanto, a linguagem passou por um processo de paulatino descolamento dos objetos e da ação prática, transformando-se, assim, em um instrumento decisivo do pensamento e do conhecimento humano, por meio do qual o homem pôde e pode superar os limites da experiência imediata, sensorial, em direção ao desenvolvimento mediado, racional (Luria, 1986).

No plano ontogenético, inicialmente a criança possui apenas uma forma de comunicação prática, isto é, uma forma de expressar seus estados físicos de conforto ou desconforto por meio de seu aparato elementar (Luria, 1986; Vigotski, 2009). Nesse período,

o adulto possui papel fundamental, pois é ele quem irá sanar as necessidades fisiológicas da criança, muitas vezes externalizadas pelo choro e irá inseri-la na complexa forma de linguagem social e cultural, representada pelo idioma.

A apropriação desta linguagem, composta por símbolos, gera uma profunda transformação no psiquismo infantil. Sua comunicação, antes prática, diretamente relacionada às suas necessidades fisiológicas, transforma-se gradativamente em linguagem social. A criança passa a ter condições de comunicar seu estado afetivo, não mais utilizando seus recursos elementares, inatos, mas por meios mais complexos e efetivos: os símbolos. Contudo, este processo só é possível porque ao apropriar-se da linguagem, a comunicação prática funde-se ao pensamento, que até este momento, também possuía caráter prático (Vigotski, 2009).

Este salto qualitativo da comunicação e do pensamento, mediado pelo domínio da linguagem desenvolvida, constitui-se como o principal marco na transformação qualitativa do psiquismo na esfera do desenvolvimento ontogenético. De acordo com Luria (1979a, 1986), este salto transforma a criança e sua relação com a realidade. A linguagem duplica o mundo e o pequeno infante torna-se capaz, portanto, de compor e operar mentalmente com os objetos da realidade externa. Essa transformação altera o funcionamento da consciência da criança, que pode manejar em seu psiquismo as imagens dos objetos, mesmo na ausência destes, e, assim, desenvolve sua capacidade de planejamento e de ação voluntária.

Entretanto, o processo de apropriação da linguagem em sociedades altamente complexas nem sempre ocorre apenas pelo simples contato cotidiano com o adulto. A transmissão da linguagem escrita, por exemplo, requer um processo devidamente organizado para este fim. De acordo com os estudos de Luria (1979a, 1986) e Vigotski (2009), a linguagem escrita constitui-se como uma das produções mais ricas e complexas da humanidade. Esta forma de linguagem caracteriza-se pela ausência do interlocutor, do aspecto sonoro e extralinguístico da linguagem. Portanto, para se constituir como uma linguagem efetiva, isto é, capaz de comunicar algo, esta requer alto grau de abstração e domínio arbitrário dos meios técnicos desenvolvidos. Na linguagem escrita “a situação deve ser restaurada em todos os detalhes para que se torne inteligível ao interlocutor, [...] por isso, o

que se omite na linguagem falada deve necessariamente ser lembrado na escrita” (Vigotski, 2009).

Nessa forma de linguagem, portanto, o homem não pode apoiar-se na utilização das peculiaridades dos meios auxiliares extralinguísticos como o “conhecimento da situação, gestos, mímica e entonação (esta última é substituída apenas parcialmente pelos recursos da pontuação e discriminação de palavras e frases isoladas de que dispõe a linguagem escrita)” (Luria, 1979b, p. 71). Por isso, o domínio do complexo sistema de códigos é fundamental para a efetiva utilização da linguagem escrita, uma vez que, para conseguir comunicar algo ao interlocutor ausente, esse deve utilizar todos os recursos disponíveis para tornar cognoscível sua mensagem. De acordo com Vigotski (2009), exatamente por não ter diante de si seu interlocutor, o homem precisou desenvolver em alto grau sua linguagem escrita, tornando-a extremamente desdobrada em elementos linguísticos.

O processo de aprendizagem escolar da linguagem escrita deve, portanto, possibilitar a utilização arbitrária de seus meios de expressão. Para tanto, inicialmente, este ensino deve estar sistematicamente voltado para a apropriação consciente dos instrumentos técnicos de expressão desta linguagem, por exemplo, os meios utilizados para representar graficamente as palavras. Somente após o domínio funcional destes instrumentos, que na linguagem oral são inicialmente empregados espontaneamente, a criança terá condições para registrar e expressar conscientemente seu pensamento por meio da escrita (Luria, 1979a).

O ensino da linguagem escrita, nesta perspectiva, deve oferecer condições para que a criança – que já desenvolveu ao longo do processo de apropriação da linguagem oral o domínio da relação abstrata entre palavra e objeto –, possa compreender que precisará “abstrair o aspecto sensorial da sua própria fala, passar a uma linguagem abstrata, que não usa palavras mas representações de palavras” (Vigotski, 2009 p. 313). Por este motivo, os processos de apropriação da linguagem oral e escrita diferem substancialmente, pois enquanto no primeiro as situações cotidianas indicam as relações entre objetos e seus respectivos nomes; no segundo, a escola precisa arbitrariamente ensinar as relações lógicas entre a linguagem e seus meios abstratos de representação, oferecendo à criança aquilo que está além de sua experiência prática, permitindo, assim, a apreensão das mediações que compõem os

sistemas lógico-abstratos dos conceitos, que sintetizam os elementos históricos que constituem a realidade objetiva (Vigotski, 2009).

Com base nestes pressupostos, compreende-se que o processo educativo precisa oferecer condições para que a criança, em seu contato concreto com a realidade, domine um amplo vocabulário e as referências materiais correspondentes a estas palavras, pois este extenso contato com a linguagem possibilitará que criança, por meio de sua experiência empírica, conheça minimamente a realidade na qual está inserida; isso abrirá caminhos mediante os quais a linguagem escrita poderá transcorrer. A estrutura da linguagem escrita, por sua vez, exige uma relação mediada que supere os limites da experiência empírica. Nesse sentido, requer uma forma de ensino devidamente organizada para este fim; exige que a instituição escolar elabore meios pedagógicos capazes de propiciar a tomada de consciência do sistema lógico e dos dispositivos culturais relacionados a esta habilidade social. Com o objetivo de oferecer condições para a utilização arbitrária desta rica produção humana.

Mediante essas considerações preliminares, espera-se criar condições para a superação das explicações assentadas sobre os pressupostos biologizantes, que qualificam as dificuldades relacionadas ao processo de apropriação da linguagem escrita como decorrentes de alguma alteração de ordem orgânica; com o objetivo de instrumentalizar os profissionais envolvidos no enfrentamento dessas supostas dificuldades de aprendizagem.

### **Referências**

Leontiev, A. N. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo* (2a ed.) São Paulo: Centauro.

Luria, A. R. (1979a). *Curso de Psicologia Geral: Introdução Evolucionista à Psicologia* (Vol. I). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Luria, A. R. (1979b). *Curso de Psicologia Geral: Linguagem e Pensamento* (Vol. IV). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Luria, A. R. (1986). *Pensamento e Linguagem: as Últimas Conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Marx, K. & Engels, F. (2008). *A Ideologia Alemã: Feuerbach – A Oposição entre as Concepções Materialistas e Idealista*. São Paulo: Martin Claret.

Ministério da Educação. (2007). *SAEB-2005: Primeiros Resultados. Médias de desempenho do SAEB/2005 em perspectiva comparada*. Brasília. Recuperado em 11 de maio, 2011, de [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/prova\\_brasil\\_saeb/menu\\_do\\_professor/resultados/Saeb\\_resultados95\\_05\\_UF.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/menu_do_professor/resultados/Saeb_resultados95_05_UF.pdf).

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2011). *Indicadores da OECD: Relatório de País: Brasil*. Recuperado em 14 de outubro, 2011, de [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/estatisticas\\_educacionais/ocde/education\\_at\\_a\\_glance/eag\\_2011\\_relatorio\\_pais\\_brasil.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/estatisticas_educacionais/ocde/education_at_a_glance/eag_2011_relatorio_pais_brasil.pdf).

Vigotski. L. S. (2009). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.